



Curso de Psicologia

Disciplina: **Abordagem Psicanalítica II**

(72 hs/aula)

Período: 7º

Professor Alexandre Simões

Atividades mentais, tais como refletir sobre algo ou concentrar a atenção, não solucionam nenhum dos enigmas de uma neurose

(FREUD. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, p. 153)





Realizaremos, a partir de
agora, um breve retorno ao ponto
em que nos detivemos em
Abordagem Psicanalítica I:

as observações acerca do
andamento de uma análise que
Freud realiza em seu texto ‘Sobre o
início do tratamento’ (1913)



Em primeiro lugar, é importante relembrarmos que este artigo se insere em uma série de textos intitulados '*Artigos sobre técnica*' (de 1911 a 1915)



Isto pode nos levar, portanto, a localizar com mais precisão o que se compreende por 'técnica psicanalítica' neste contexto. Principalmente, na medida em que Freud nos adverte quanto à 'mecanização da técnica'

A técnica, longe de ser
um conjunto fechado
e prévio de
procedimentos a
serem seguidos por
todos os psicanalistas
(no intuito
de, assim, garantirem
a fidedignidade do ato
analítico) ->

STANDARD



comporta, junto de
Freud, muito mais uma
discussão sobre os
princípios da
Psicanálise: ou seja, a
partir de onde ela se
torna possível

Esta discussão sobre o *setting* analítico:

sempre suscita a indagação:

***quais são as
condições do
fazer analítico ?***

Esse ‘desde onde ela se torna possível’ está sob a dependência do estatuto do inconsciente, do lugar do sujeito que aí se produz.

Lembremo-nos das discussões sobre o
descentramento do sujeito
ou, em outros termos, a ‘revolução copernicana
empreendida pela psicanálise’

Nas primeiras etapas de suas pesquisas, o homem acreditou, de início, que o seu domicílio, a Terra, era o centro estacionário do universo, com o sol, a lua e os planetas girando ao seu redor. Seguiu, assim, ingenuamente, os ditames das percepções dos seus sentidos, pois não sentia o movimento da Terra e, todas as vezes que conseguia uma visão sem obstáculos, encontrava-se no centro de um círculo que abarcava o mundo exterior. A posição central da Terra, de mais a mais, era para ele um sinal do papel dominante desempenhado por ela no universo e parecia-lhe ajustar muito bem à sua propensão a considerar-se o senhor do mundo.

A destruição dessa ilusão narcisista associa-se, em nossas mentes, com o nome de Copérnico, no século XVI. (...) Quando essa descoberta atingiu um reconhecimento geral, o amor-próprio da humanidade sofreu o seu primeiro golpe, o golpe cosmológico.

(FREUD. Uma dificuldade no caminho da psicanálise, p. 336)

“Na sequência, dentre outras coisas, Freud nos propõe considerar a psicanálise como um golpe semelhante ao estabelecido inicialmente por Copérnico. Um golpe, segundo ele, sobre o narcisismo dos homens, cuja consequência final seria a disjunção entre o ser e o pensamento (o saber). Assim, ele chega às seguintes proposições:

O que está em sua mente não coincide com aquilo de que você está consciente; o que acontece realmente e aquilo que você sabe, são duas coisas distintas. [...]

... O eu não é o senhor da sua própria casa...”



(ALEXANDRE SIMÕES. *O litoral d'aporia*, p. 191)



Assim sendo, uma psicanálise
não deve (notemos que com este
'não deve' estamos aqui no plano
ético)

se iniciar sem partir de
pontos que a orientem;

todavia, a orientem de tal
maneira que o porvir não
seja forçosamente
enquadrado no que o
antecedeu.

Este é o longo alcance da
analogia inicial que Freud
estabelece entre a psicanálise e

o jogo de xadrez





Todo aquele que espere aprender sobre o nobre jogo do xadrez nos livros, cedo descobrirá que somente as aberturas e os finais de jogos admitem uma apresentação sistemática exaustiva e que a infinita variedade de jogadas que se desenvolvem após a abertura desafia qualquer descrição desse tipo. (...) As regras que podem ser estabelecidas para o exercício do tratamento psicanalítico acham-se sujeitas a limitações semelhantes.

(FREUD. Sobre o início do tratamento, p. 164)



A abertura de uma análise

A abertura de uma análise é um momento que comporta, para o paciente, não somente ir assiduamente a um psicanalista e, por exemplo, assumir o que lhe é reservado (falar de si, livre-associar ou eventualmente deitar no divã):



~~Abertura de uma análise:~~

um pouco mais do que isso, a abertura da análise (chamada por Lacan de ‘**entrada em análise**’) implica em uma passagem, uma travessia: o lugar desde o qual o analisando se localiza (frente ao sofrimento, o sintoma, o amor, etc.) deve comportar um estranhamento e, por conseguinte, proporcionar que ele se interrogue sobre o que lhe é familiar

~~Entrada em análise:~~

passagem

estranhar
o familiar

travessia

Esta inquietude acerca do que lhe é familiar é igualmente ampla:

e já repercute, em alguma medida, sobre seus **traços identificatórios** (como o sujeito se apresenta para o outro no âmbito de seu modo de ser, sua sexualidade, suas repetições)





A passagem que vem a ser a
'entrada em análise' traz como
consequência:



uma mudança de posição subjetiva





Em suma, o paciente minimiza a referência que sempre costuma fazer de suas queixas às cenas e personagens atuais de seu cotidiano e, em contrapartida, as vincula a uma

Outra Cena (cf. Freud)



Há barreiras a esta passagem,
pois

a realidade e seus inúmeros
aparatos (fármacos, identificações,
o sintoma, os objetos ofertados
pelo mercado, etc.) tende a
amortecer o comprometimento de
cada um com seu próprio mal-
estar, deixando o paciente na via
estereotipada da repetição.



Este circuito é percorrido diversas vezes ao longo de
uma mesma análise





Na analogia que Freud faz entre a psicanálise e o jogo de xadrez há, também, a introdução da discussão que será desenvolvida em outros momentos (mais tardios) do percurso de Freud:

o tema relativo ao ‘fechamento’ de uma análise, ou seja, o seu final, seu instante de conclusão

Há também dois outros aspectos que se revelam na analogia freudiana:

- A) um maior detalhamento sobre os passos da chegada de um analisando ao analista;
- B) considerações sobre o transcorrer de uma psicanálise;



No que tange aos movimentos iniciais de uma análise:

Primeiros contatos do paciente com o analista: a marcação da sessão, a chegada ao consultório, as retas e curvas deste **instante**

O **tempo**, às vezes dilatado, das 'entrevistas preliminares': onde se dão as apresentações e reapresentações do sintoma, a construção da demanda, o enlaçamento com o analista

O **momento** de entrada propriamente dita na análise

“A psicanálise tem sido criticada como uma espécie de ícone de uma cultura que ficou para trás, sepultada pelas ciências da mente e pela sociedade ‘pós-humana’. O antifreudismo é uma onda que ainda cresce. Mas seu destino não está nas mãos dos ideólogos do mercado ou da ciência. O que determinará o lugar da psicanálise no cenário social das próximas décadas será sua capacidade de atualizar aquilo que está na origem de sua clínica: a sustentação de um campo de prática que põe *qualquer* tipo de experiência humana sob o crivo da interrogação.”

(Benilton BEZERRA JÚNIOR. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica.
In: Carlos Alberto PLASTINO. *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p.238)

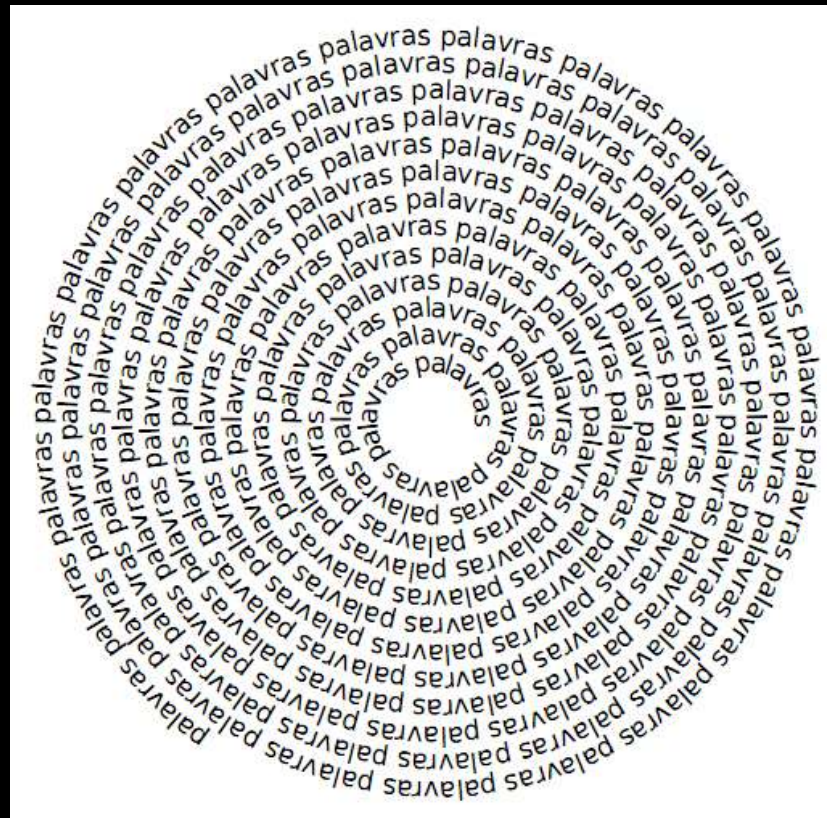


Voltemos à nossa epígrafe para irmos em direção à conclusão desta aula:

*A*tividades mentais, tais como refletir sobre algo ou concentrar a atenção, não solucionam nenhum dos enigmas de uma neurose

(FREUD. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, p. 153)

*Ela nos remete a um tema que já foi examinado: a regra fundamental da psicanálise, a saber, a **associação livre***



Fale tudo que vier à sua mente, não dispense nada, por mais irrelevante, vergonhoso ou estranho que possa lhe parecer. Tente dizer tudo, que as coisas começarão a acontecer

Este princípio tem, em Freud, duas matrizes:

a) Breuer (na condução de Anna O. e a proposta, feita por ela, da *talking cure*);

b) da Literatura: uma das leituras prediletas do Freud adolescente com 14 anos de idade era a obra *A arte de se tornar um escritor original em três dias*, do escritor alemão Ludwig Börne (1823). A regra do livro era: “durante três dias consecutivos, escreva tudo que lhe vier à cabeça. Você ficará espantado diante dos pensamentos originais e surpreendentes que saíram de sua mente” (cf. FREUD. *Escritores criativos e devaneios*. 1908)

A tomada da palavra por parte do analisando o
conduz, dentre outras coisas, à
transferência.

Este é um dos aspectos que se produz no espaço
das entrevistas preliminares

É a partir daqui, da transferência (seu conceito, características e seu valor crucial para a psicanálise) que prosseguiremos

Mas, antes de concluirmos e chegar ao campo da transferência, vale realizar um breve retorno a uma tema que já trabalhamos: o **sintoma**

Ao mencionarmos as entrevistas preliminares e o momento de chegada do analisando ao psicanalista, devemos lembrar - bem precisamente - que *o sintoma é a razão de haver psicanálise*



Ou seja: somente pelo sintoma (às vezes, localizado no outro e não exatamente no sujeito) alguém demanda uma análise

O Sintoma:

Na Psicologia

Supõe-se que a condição do sintoma seja o ambiente:

a família, a cultura, a sociedade, o capitalismo

Na Psiquiatria

Supõe-se que a condição de formação do sintoma seja a genética:

a hereditariedade,
a
neurotransmissão,
a neuroregulação

Na Psicanálise

Supõe-se que a condição do sintoma seja a linguagem:

o Outro, o
significante, o
equívoco ... **em**
última instância: o
Real – o impossível
de dizer

Prosseguiremos na próxima aula!

Prof. Alexandre Simões

Contatos:

www.alexandresimoes.com.br

alexandresimoes@terra.com.br